

## A ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA DE HISTÓRIA LOCAL: O PROJETO CARIRÉ ALÉM DOS MUROS NA EEM DONA MARIETA CALS.<sup>1</sup>

Rodrigo Sousa Ferreira<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo trata acerca de Ensino de História, tomando como base uma experiência educacional interdisciplinar desenvolvida pelo autor na Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals, em Cariré, sobre História Local, através da História Oral e Educação Patrimonial. O objetivo deste trabalho é discutir qual impacto produzido sobre os jovens que participaram do projeto relatado, observar os resultados, repercussão, e socializar a experiência para ser reproduzida por outros professores.

**Palavras chaves** – Ensino, História Local, Patrimônio.

### Abstract

The present article approaches the Teaching of History, having as a basis one interdisciplinary educational experience developed by the author, at the Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals, Cariré, about Local History, through Local History and Heritage Education. This work aims to discuss the impact that was caused in the mind youth that participated on the mentioned project, analysing the results, repercussion, and socializing the experience in order for it to be reproduced by other teachers.

**Keywords:** Education, Local History, Patrimony

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo de cinco anos de minha vida cursei História na Universidade Estadual Vale do Acaraú, entre dois mil e dez e dois mil e quinze. Tempos de grandes aprendizados e amadurecimento pessoal, onde pude conhecer grandes amigos, professores (alguns se tornaram amigos), todas pessoas que guardo grande estima e admiração. A partir de dois mil e doze, comecei a trabalhar precocemente como professor de História, na Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals (Cariré), e ali vivenciei importantes experiências onde pude aferir os conhecimentos adquiridos na universidade, e vice-versa. Dois laboratórios, dois espaços de trocas e confluências de saberes, aprendizados.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi adaptado a partir de monografia apresentada pelo autor, no segundo semestre de 2015, por ocasião da conclusão do curso de História, na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Em dois mil e treze, entretanto, idealizei juntamente com vários colegas professores, um projeto de Ensino de História Local, que levou o título de “Cariré Além dos Muros”. Uma experiência exitosa, que já foi reconhecida regionalmente, sendo apresentada pelos envolvidos no VII Simpósio do Ipu, e premiada em 2º lugar na Feira de Ciências e Cultura da 6ª CREDE (Coordenadora Regional de Desenvolvimento da Educação) na categoria Ciências Humanas.

No segundo semestre de 2015 concluí a graduação e apresentei à banca examinadora como Trabalho de Conclusão de Curso, uma produção que visava relatar, problematizar e analisar essa experiência pedagógica em História, sob a orientação da Professora Dra. Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante. Este artigo é uma adaptação deste trabalho, espero que os leitores façam proveito.

## **2. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL**

A História ensinada como disciplina na educação formal, sofreu ao longo de seu trajeto, diversas transformações, sujeições e censuras. Segundo Bittencourt (2004) a educação pode ser um mecanismo de aparelhamento ideológico através da doutrinação e inculcar a visão de mundo da classe dominante. Estudos posteriores apontam a disparidade entre a proposta curricular oficial do Estado, e a vivência cotidiana no âmbito escolar. Em meio à disparidades analíticas dos teóricos, sedimenta-se a importância da reflexão acerca do ensino de História, este artigo visa apontar inovações metodológicas no que se refere ao ensino de História Local numa tentativa de despertar nos estudantes uma sensação de pertencimento social, patrimonial e uma aproximação desses indivíduos com sua comunidade ensejando o protagonismo dos mesmos como agentes transformadores da realidade social na qual estão inseridos.

Ciente de que a História fora usada como instrumento pedagógico para a constituição de uma identidade nacional desde o século XIX é papel do professor evitar incorrer no erro de ensinar semelhante sentimento em relação às cidades.

Assim, desde o início da organização do sistema escolar, a proposta de ensino de História voltava-se para uma formação moral e cívica, condição que se acentuou no decorrer dos séculos XIX e XX. Os conteúdos passaram a ser elaborados para construir uma ideia de nação associada à de pátria, integradas como eixos indissolúveis. (BITTENCOURT, 2004, p. 61)

Sobre o ensino de história, Pinsky (2011) diz que uma pedagogia da História é desempenhar, de modo satisfatório, sua missão. Conforme descreve Libâneo a escola não é o único ambiente de aprendizado. O convívio social, o empirismo através da troca de experiências também são vetores educativos *não intencionais*. Além disso, experiências associativas, sindicais, recreativas, entre outras, também se configuram como *educação não formal*, porém intencional, mas pouco sistematizada. Por fim, a *educação formal* intencional, que se dá nas instituições de ensino, tem como missão articular os saberes adquiridos nas demais experiências com diferentes graus de didatismo, de forma que consiga sintetizar, instrumentalizá-las em favor do aluno. O docente deve partir da experiência cotidiana do aluno, oferecendo elementos que lhes permitam ultrapassar as sempre lembradas formas tradicionais de ensino de história, que parecem valorizar principalmente o sentido de perceber (para servir) a uma grande nação (ou cidade), assim como fizeram os heróis responsáveis pela construção (do município).

Para ser professor de história, é mister estar ciente que a escola é apenas o espaço formal de educação *sistematizada*, mas que ela se dá informalmente e de forma livre nos mais diversos ambientes: familiar, religioso. Disputar com a memória transmitida aos alunos nesses espaços, é desafiador, impõe-se dessa forma um desafio aos professores: tentar relacionar o conteúdo curricular com os conhecimentos prévios adquiridos na vivência cotidiana. Não é intenção sobrepor-se a memória popular, mas é um dever apresentar aos alunos o olhar historiográfico sobre acontecimentos passados que às vezes são relatados em histórias anedóticas por testemunhas oculares, enviesadas por vícios e paixões. Através do confronto entre diferentes versões, expor contradições e com a provocação de questionamentos, é capaz de se obter o senso crítico. Conforme Libâneo (2003)

Os professores que atuam na educação básica poderiam considerar que não há incompatibilidade entre a aprendizagem dos conteúdos científicos associados aos processos de pensamento e a incorporação, em suas aulas, da experiência sociocultural e subjetiva dos alunos vivida na família, na comunidade, nas mídias, nos locais de lazer etc., articulando o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano e local. (LIBÂNEO, 2003, p. 43)

A História como disciplina dinâmica, volátil e diversificada tem visto ao longo do tempo pulsar no seu âmago inúmeras discussões teóricas acerca de novos campos

teóricos, com inovações metodológicas e peculiaridades. Diversas adjetivações pululam, como: História Cultural, História do Tempo Presente, História Local e História Regional. Essas duas últimas estão no foco da discussão deste trabalho, e essa é uma discussão teórica da qual não se pode negligenciar o debate. Pode não parecer para os mais desatentos, mas andar por esse terreno movediço pode ser uma tarefa comprometedora para o professor que se aventurar nessa modalidade de ensino, afinal de contas como o professor procederá pedagogicamente no ensino de História Local/História Regional sem saber exatamente o que está fazendo?

De tal forma, para uma História ser verdadeiramente classificada como História Local, deve necessariamente ter como objeto de estudo uma particularidade, algum acontecimento específico deste lugar, ou uma atividade que adquira neste “local” um significado especial.

Ainda de acordo com Barros, o historiador em seu fazer historiográfico pode delimitar uma nova divisão regional de acordo com seu objeto de estudo, em detrimento da já estabelecida divisão regional, conforme os arquivos encontrados pelo pesquisador em sua investigação. Os critérios de demarcação regional feitas pelo pesquisador podem obedecer a diferentes critérios e orientações que irão determinar o recorte territorial estabelecido pelo historiador.

No ensino de História através das aulas de campo, é preciso ter cuidado em selecionar as informações a serem repassadas aos alunos no que se referem às atividades econômicas, culturais, políticas e naturais que se relacionem aos conteúdos no âmbito regional, nacional ou global. Por exemplo, ao falar sobre o a Estação Ferroviária de Cariré criada no curso da linha da E.F. de Sobral que ligava o município a Ipu, relatar o que levou a ligação da linha ferroviária da E.F. de Sobral a E.F. de Baturité e a importância econômica da união desta linha com a vinda de Fortaleza, interconectando Fortaleza a Crateús. O carregamento e descarregamento de produtos na Estação estão diretamente ligados às atividades econômicas do Ceará no período, e obviamente incluímos aí, Cariré, com sua indústria de descaroçamento de algodão, produção de oiticica e óleo de mamona, que não obstante era exportada para a fábrica CIDAO em Sobral.

Aulas de campo, ainda, possuem uma dinamicidade que torna a experiência educativa bem mais significativa, atraente. Além de proporcionar várias possibilidades ao professor que possuir criatividade e capacidade de improvisação. Assim como instigar o lado pesquisador do professor de História, e concomitantemente, os alunos, que estão integrados às experiências como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, para garantir que tudo isso se efetive, é preciso ter cuidado para que não se torne uma recreação, ou um mero passeio.

Cada lugar possui uma historicidade própria, um processo de formação diferente, urbanização, relação com o ambiente, enfim, singularidades. Contudo, não é possível dissociá-las completamente de outros contextos globais, pois se trata de uma fração da totalidade, portanto, não será difícil se deparar com questões que transponham o local. Por isso, precisamos delimitar com atenção o objetivo das ações educativas, afinal segundo Neves (1997) uma das vicissitudes da História Local é a fragmentação.

fragmentação: consequência das vicissitudes anteriores, o local torna-se meramente um pedaço, desarticulado de um todo que mal se vislumbra, e, por isso, sem qualquer sentido; (NEVES; 1997, p.24)

De toda forma, o que se pretende aqui é estudar o local, a cidade de Cariré, e como essa variedade de acontecimentos externos incidiu sobre o desenvolvimento cidadão, em termos sociais, econômicos, culturais e políticos. Não há intenção de ancorar o município a um sistema integrado a outros municípios, embora corriqueiramente precisem ser mencionados. O foco da intervenção permanece ao longo de todo o projeto no “local”, portanto, segundo as definições de José D’Assunção Barros, estamos tratando de ensino de História Local, e não Regional.

A pluralidade étnica e a variedade de memórias precisam estar contempladas neste processo, e no ensino de História Local, isso é possível, com muita originalidade, e como resultado é possível proporcionar maior afeição entre os alunos com o objeto estudado: sua própria comunidade.

A articulação entre presente/passado é uma prática que se constitui como um requisito para ser um bom professor de História. A ideia de que o historiador deve manter distanciamento neutro, imparcial, do objeto de estudo para atingir maior

objetividade científica, tornou-se obsoleta, e hoje sabemos com clareza, que não é possível se desprender do presente, e somos, invariavelmente, levados a conferir aos acontecimentos passados, sentidos articulados com os valores do presente. Na prática pedagógica do ensino de História, essa conexão entre o “ontem” e hoje se manifesta de forma mais imediata, constituindo-se um recurso didático eficaz. A partir disso, o ensino de História Local possibilita uma verdadeira interlocução do passado e o presente para os estudantes, que poderão visualizar a história próxima de nós.

As ambiguidades da relação passado/presente se apresentam, também, quando se trata da articulação entre a produção e a transmissão do conhecimento, ou, dito de outra forma, das relações entre pesquisa e ensino, ou ciência e educação, em História (NEVES; 1997, p. 20)

Através do ensino de História Local, é possível constituir uma identidade cultural dos alunos, aproximá-los afetivamente da comunidade, e proporcionar uma visão crítica do cotidiano. Tal identidade, não se trata de uma conformação de valores alheios aos sujeitos escolares, a serviço de interesses políticos de dominação, supressão de singularidades da subjetividade do sujeito em detrimento de um projeto nacional.

Um aspecto relevante a ser ressaltado, é o fato de a maior parte dos monumentos serem dedicados a vultos, heróis nacionais, quase que invariavelmente componentes das elites sociais, concentrando a preservação do patrimônio associado à esses grupos. Em cidades pequenas como Cariré, os “lugares de memória” também realçam nomes de personagens ilustres, assim foi na maioria dos locais visitados durante a nossa aula de campo, o Mercado, a Casa-Grande. Segundo Neves (1997) aí reside um dos riscos do ensino de História Local, o perigo de cair vicissitude do personalismo.

personalismo: versão doméstica da história oficial, dos grandes homens. Quantas obras, rotuladas de história locais, não são apenas listagens de cidadãos ulustres, nascidos naquele lugar (mesmo que daí tenham saído crianças e nunca mais retornado)? E o que dizer das histórias de municípios, que apenas fazem a cronologia das gestões administrativas, e de preferência, dos prefeitos do partido que está no poder? (NEVES; 1997, p. 24)

Os estudantes participam ativamente da pesquisa, contribuindo com coleta de relatos orais, memórias familiares sobre lugares de memória comumente associado

apenas às elites locais. Assim, ressignificamos tais locais de memória, vinculando-os às histórias de vida de pessoas comuns, provocando em certo grau uma espécie de identificação pessoal. Rompemos, assim, com as cristalizações da memória oficial, evidenciada nos nomes de prédios públicos, ruas, bustos.

Assim, a metodologia utilizada deve permitir uma liberdade criativa significativa, autonomia aos alunos como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, através da participação na pesquisa e catalogação de dados, informações. Como diz Freire (1996), o professor deve estar convencido definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, de tal forma, o trabalho coletivo constitui outro nível de relação aluno-professor.

### **3. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL ASSOCIADO A UMA AÇÃO EDUCATIVA PATRIMONIAL**

De acordo com Varines (2012) em “As Raízes do Futuro. O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local” o conceito de desenvolvimento local sustentável vem sendo até o presente momento abordado geralmente de maneira conturbada, tanto pelos técnicos das políticas públicas como pelos acadêmicos, uma vez que se atêm apenas a questões que envolvem estritamente o desenvolvimento econômico. Desenvolvimentos sociais e culturais são concebidos equivocadamente de forma apartada, mantendo-se cada um no seu reduto de políticas públicas particulares de cada área, como se não houvesse interação entre essas searas.

O patrimônio, essencialmente, é visto como algo que deve ser conservado estruturalmente pelos empreendedores tendo em vista apenas ganhos financeiros. Não é levado em conta, que todos os integrantes da comunidade local, sejam eles temporários ou permanentes, compartilham do mesmo espaço e, por conseguinte o valor patrimonial, cultural e humano do espaço. São, portanto, atores locais. Em Cariré, atesta-se um infeliz distanciamento dos moradores locais em relação ao patrimônio, e mesmo que eles tenham diretamente contribuído para a constituição da memória em torno de um edifício, por exemplo, nem sempre eles se sentem atores locais. Geralmente atribui-se o mérito sobre alguns espaços apenas ao político que ordenou a construção de

obras públicas em sua gestão, o Mercado Público é um claro exemplo disso, Varines em sua obra aponta os criadores do patrimônio como os verdadeiros atores, e não os posteriores exploradores ou usuários.

O desenvolvimento local não se dá de forma alguma alijada do patrimônio, querendo ou não, ele se constituirá a partir das ruínas do passado, no local que outrora demais atores locais atuaram, e está sujeito aos costumes adquiridos pelas pessoas ao passar do tempo de forma cumulativa. A constituição de um território, seu desenvolvimento, deve ser feita levando em conta o patrimônio, a afinidade cultural, tradição e uma gama de particularidades étnicas e linguísticas. É, portanto, através dele que se forma o quadro onde será levado a cabo o desenvolvimento.

O patrimônio deve ser preservado para que permaneça interessante aos olhos das jovens gerações, que posteriormente serão as responsáveis a preservá-lo e passá-lo às gerações seguintes. A utilidade prática deste patrimônio é o que determinará seu valor em dado momento, e por muitas vezes é subjetiva, de tal forma que não garante sua permanência ao longo do tempo (DE VARINES; 2012).

A importância dada pelos habitantes a um monumento depende especificamente dos condicionamentos a que ele está determinado: tempo e espaço. Os jovens de Cariré, alunos da Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals, por ainda morarem em uma cidade pacata do ponto de vista comercial, se bem orientados ainda poderão se deparar com o Mercado Público e enxergar nele algum valor prático do ponto de vista mercadológico, afinal de contas Cariré ainda não está invadido por grandes supermercados, com vitrines, ar condicionados, e muito menos shopping-centers, portanto, assimilar o espaço como um centro de compras e vendas, negociação e fluxo comercial pode ser algo perfeitamente possível. No caso da Estação Ferroviária, entretanto, observá-la enquanto monumento vivo e útil é difícil, uma vez que hoje em dia não existe (geralmente) transporte comercial de pessoas por linhas férreas no Brasil. A culinária associada ao monumento na representação do arroz-doce também é de assimilação complicada para os jovens, uma vez que são habituados a doces industrializados, chocolates e demais sobremesas. Seria necessário, que o poder público municipal tivesse mais sagacidade e encontrasse uma forma mais atrativa de



revitalização do local, para que a restauração recentemente finalizada não seja um fim em si mesmo, e possibilite o contato dos habitantes com o seu passado. Um povo sem passado é um povo sem história. A conservação física não é suficiente, é preciso tornar vivo o patrimônio, útil. (DE VARINES 2012)

Uma ressalva importante, é que mesmo a Estação Ferroviária nos últimos anos, sem tombamento e entregue às intempéries do tempo, em ruínas, a população manteve certa valorização e preocupação com o monumento. Algumas tentativas do poder público foram feitas para restaurá-la, entretanto, sempre frustradas seja por pouca vontade política ou entraves burocráticos. Isso denota que os atores locais de Cariré, ainda que em diferentes níveis, possuíam preocupação com o patrimônio, mesmo que por puro simbolismo (superficial) em enxergar nele as reminiscências do passado, o nascedouro da cidade. Similar ocorre com o Mercado Público, que também passou por uma suntuosa restauração e modernização a ponto de descaracterizar (quase) completamente sua forma original, algo inevitável com o passar do tempo, afinal de contas o importante é que a comunidade sinta-se possuidora do monumento (DE VARINES;2012). Até recentemente ali ainda havia vendedores e comerciantes em atividade, mas por riscos de acidentes tiveram que ser remanejados para debaixo de um galpão em frente o monumento. Lá estão por muitos anos com perspectiva de retornarem após a inauguração do Mercado Público. É intrigante especular se o poder público fará algo no sentido de resgatar as memórias fincadas naquele prédio, para que não se perda a rica história fustigante ali construída, entre negociatas e fluxo de valores, cultura, experiências e relações. Nutro um temor que o interesse econômico se sobreponha à riqueza cultural.

É necessário que na base educacional haja um incentivo aos jovens, para se sentirem parte do patrimônio, possuidores dele, e não espectadores que apreciam através dos olhos do espanto e exotismo algo que está cristalizado no passado. Na escola os alunos aprendem sobre a cultura de outros povos (asiáticos, africanos), e estudam História da Arte, sobretudo europeia, mas raramente conhecem o artesanato local, culinária e festividades, coisas que lhes pertencem, são da comunidade e, portanto, constituem a totalidade daquilo que ele é, e vive. Através do projeto Cariré Além dos Muros, é possível (tentar) provocar o sentimento de pertencimento dos jovens com o

patrimônio, ensejar essa sinergia entre ator local/monumento e atingir a finalidade maior que é tornar a comunidade voluntariamente responsável pela sua herança patrimonial, sanar o desconhecimento e levá-los a reconhecer o valor oculto nos objetos e monumentos em ações educativas. (DE VARINES; 2012).

Sobre isso, Ricardo Oriá afirma

A educação patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. compreende desde a inclusão nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de disciplinas ou conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e conservação do Patrimônio Histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhe propiciar informações acerca do Patrimônio Cultural, de forma a habilitá-los a despertar nos educandos e na sociedade o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema. (ORÍÁ, 2005)

A partir do ensino de História Local, podemos atingir uma meta política, de democratização do acesso aos bens patrimoniais, o empoderamento social aos sujeitos negligenciados da sua própria memória, afinal se depender da História Oficial, estes não serão representados em monumentos. Marginalizados, são corriqueiramente colocados como espectadores do processo histórico, impedidos de se alçarem como agentes conscientes do próprio fazer social. De tal forma, a compreensão da importância desse patrimônio se manifesta no estudo da História Local, que esperamos que se torne hábito no ambiente escolar, como está explanado em seguida.

Através dessa metodologia é possível contribuir para o brotamento de uma consciência de si e do mundo, reconhecer-se enquanto interventor do processo histórico, sujeito capaz de promover ações relevantes que produzirão impacto na vida social (NEVES, 1997).

#### **4. O PROJETO CARIRÉ ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DONA MARIETA CALS**

Aconteceu no dia 21 de Agosto, quarta-feira pela manhã de 2013, uma caminhada pelos pontos históricos de Cariré antecedida por um alongamento com instrução do Professor de Educação Física. Na EEM Dona Marieta Cals<sup>3</sup>, a execução do

---

<sup>3</sup> Localizada em Cariré, cidade da região noroeste do Ceará, há aproximadamente 280 quilômetros da capital, Fortaleza. No estabelecimento de ensino, existem em torno de 600 estudantes, em sua grande

projeto se dá com interdisciplinaridade<sup>4</sup> entre as diferentes áreas de conhecimento, buscando integrar o máximo possível de profissionais da escola.

Pois como está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM)

o ensino deve ir além da descrição e procurar constituir nos alunos a capacidade de analisar, explicar, prever e intervir, objetivos que são mais facilmente alcançáveis se as disciplinas, integradas em áreas de conhecimento, puderem contribuir, cada uma com sua especificidade, para o estudo comum de problemas concretos, ou para o desenvolvimento de projetos de investigação e/ou de ação;

É perceptível o ganho para o projeto quando há um trabalho conjunto entre as áreas, pois todos passam a se sentir parte do que está sendo feito, o que valoriza a iniciativa e pelas diferentes abordagens amplia as perspectivas. A interdisciplinaridade, então, é um instrumento importante no estudo da História Local, uma vez que cada área de conhecimento pode dar relevância à coisas que para a História, em tese, não teria, ou pelo menos, não conseguiria abarcar pela mesma ótica. Na aula de campo, isso foi tangível desde o início no alongamento orientado pelo professor de Educação Física.

Começamos a caminhada em direção à Estação Ferroviária, o nascedouro do município juntamente com a Igrejinha, a beira do Açude Velho, estrategicamente localizado para banhar o povoado que se formava. No local, professores de História falaram sobre a relação das estradas ferroviárias e o nascimento das cidades do sertão, como o transporte de mercadorias abriu caminhos para a formação de povoados que mais tarde viriam a se tornar cidades. Cariré, por exemplo, surgiu como uma tímida sesmaria anexada à Sobral, que desde o século XIX já possui habitação. Logo no início do século XX emancipou-se e tornou-se importante local de carregamento de cera de carnaúba para as redondezas.

Ali, próximo à estação, visitamos ainda o Viradouro, espaço de sociabilidade local onde casais se encontravam para desfrutar da belíssima paisagem do Açude Velho. Acerca deste hábito, inúmeros relatos orais foram coletados, e até já se tornou fato

---

parte moradora da zona rural, no interior da cidade, filhos de agricultores e beneficiados com o programa Bolsa Família.

<sup>4</sup> Diálogo entre duas ou mais disciplinas, com o propósito de proporcionar expansão de bons resultados em experiências pedagógicas

dramatizado em peças escolares que demonstram romances recatados entre tímidos casais apaixonados obedientes à moral da época.

Os costumes, hábitos e procedimentos não estão dissociados dos processos históricos. Explorar esse caminho pode ser proveitoso para um professor habilidoso, que com preparo prévio pode provocar um bom debate com os alunos. Abordando assim questões pertinentes ao período e lugar estudado, tomando como base uma prática cotidiana.

A professora Daniele Gomes, de Biologia, foi até ao Açude Velho juntamente dos alunos e coletou amostras da água para posterior análise laboratorial, e abordar o tema transversal: Ecologia. Mais uma vez, o projeto Cariré Além dos Muros se mostrou uma árvore de possibilidades.

De lá fomos até o “Beco do Pecado”, perpassando todo o corredor de casas antiquíssimas, uma delas outrora moradia do Pe. Helênio<sup>5</sup> (nota de rodapé), que escreveu singelo poema sobre o trem e a estação:

O trem de ferro;  
Já vem lá de Camocim;  
A fumaça é muito grande;  
A poeira não tem fim

O poema foi declamado para os alunos próximo a casa, de onde podemos ter uma noção da visão que o Pe. Helenio tinha da Estação, o que notoriamente provocou nos alunos grande sinergia, uma nostalgia de um tempo imaginado. Aos poucos pudemos perceber que o propósito de provocar cada vez mais o sentimento de pertencimento patrimonial nos jovens foi sendo conseguido, aos poucos.

Ironicamente, ao andar alguns passos além da casa do antigo pároco, ainda muito próximo da igreja, nos deparamos com o “Beco do Pecado”, local onde o próprio nome já denota, os enamorados se encontravam em segredo segundo relatos.

Continuamos a caminhada até o centro da cidade, chegando entre o Mercado Público e a Praça Elisio Aguiar, que leva o nome do fundador da cidade. No local, com o Mercado Público ainda em reforma. Lá foi feita uma breve fala sobre a economia

---

<sup>5</sup> Pároco católico nascido em Cariré.

carireense, com a Professora Auxiliadora de Medeiros, geógrafa, que tem uma pesquisa de conclusão de curso sobre o algodão carireense, exportado para o resto do estado e que sofreu forte queda na década de 70 em decorrência de uma seca. Discorreu também sobre a pecuária, mamona e toda sorte de atividades econômicas locais, incluindo o comércio e a atualmente tímida atividade fabril com as fábricas de tijolo, e tijolo. Os alunos, atentos, anotavam cuidadosamente as informações em seus cadernos.

Na investigação sobre o Mercado, ainda foi possível descobrirmos que o avô de um dos alunos era o homem que batia a “cachorra”, uma sineta barulhenta que anunciava o início e o fim do horário comercial do Mercado, que dava a permissão para abrir as portas, e a ordem para o fechar das mesmas.

Falar sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais da cidade, e dos sujeitos que participaram ativamente da realização da história de Cariré é de suma importância para a juventude conhecer seu passado, não há como evitar falar dos tradicionais sujeitos históricos como políticos, padres, comerciantes e etc. Mas a História não se faz apenas no alto da pirâmide social, trata-se de uma construção coletiva com agentes diversos, com diferentes graus de ação no lugar social em que estão inseridos. Nesse sentido, relatos de antigos trabalhadores do Mercado foram ouvidos, sobre o cotidiano do comércio, vivências, trocas de experiências e socialização de saberes e sentidos.

Rumamos em direção ao centro comercial de Cariré, um quarteirão cheio de lojas e lanchonetes, compartimentos comerciais que anos atrás já foi um prédio só, o Patronato, onde crianças estudavam até o ginásio. O colégio era administrado pela paróquia, e hoje não existe mais. Tivemos a felicidade de ouvir de uma das professoras como era a vivência naquele estabelecimento de ensino, a rigidez disciplinar, a moralidade das freiras, e acima de tudo, o respeito das crianças que segundo ela não existe mais.

Continuamos nossa caminhada até a “Casa Grande”, moradia do fundador da cidade, senhor Raimundo Elisio Frota Aguiar, que foi Deputado do Estado. Inicialmente a visita estava programada apenas para contemplação exterior com algumas palavras sobre seu antigo proprietário, e seu protagonismo na luta pela emancipação de Cariré.

Porém, obtivemos acesso ao recinto estudado graças à intervenção de uma jovem aluna cuja avó trabalha na antiga casa como moradora, então todos entraram.

Lá dentro todos se sentiram bastante entusiasmados, alunos e professores, a casa bastante antiga é repleta de fotografias de personagens da história política carireense, e objetos que facilmente poderiam estar em um museu, como móveis e objetos de decoração. O aspecto físico da casa fez todos sentirem aquele cheirinho de História no ar. A moradora que trabalha no local há décadas conservou com os alunos e relatou muitas histórias sobre o antigo proprietário, seu temperamento, manias e relacionamento familiar. Foi uma experiência marcante para todos os alunos.

Finalmente, o encerramento foi realizado no auditório da Fábrica de Cultura, antiga Fábrica de beneficiamento de algodão de propriedade de Elísio Aguiar, onde foi apreciada uma exposição de fotografias antigas de locais públicos que foram visitados pelos jovens naquele mesmo dia, além de festividades municipais como a vaquejada. Como não poderia faltar em uma aula sobre Cariré - a famosa “terra do arroz-doce”, como ficou conhecida - foi servido aos presentes o doce típico que era vendido aos passageiros nas paragens de embarque e desembarque do trem na Estação Ferroviária.

Durante as atividades do projeto, fomos capazes de observar nos alunos o cultivo de um maior respeito em relação às outras comunidades locais, distritos, pois perceberam que todas possuem História, passado, realçado pelo vínculo entre as gerações, tudo isso trazido à tona pelos próprios alunos, ou seja, seus próprios pares que estiveram engajados na produção do conhecimento histórico.

Os estudantes foram incentivados a expressarem em diferentes linguagens suas percepções sobre a aula: textos, desenhos, fotos, vídeos. A liberdade criativa deu o tom das produções, assim, eles se sentiram à vontade para fazer aquilo que desejaram, e tivemos boas surpresas.

A experiência de pesquisar, produzir e divulgar coletivamente conhecimento histórico, através de uma ação educativa como o Cariré Além dos Muros, contribui segundo Neves (1997) para a quebra da barreira entre produção e transmissão de conhecimento. De acordo com a autora

Acrescente-se, ainda, que construção do conhecimento histórico a partir da vivência, portanto do local e do presente, é a melhor forma de se superar a falsa dicotomia entre produção e a transmissão, entre a pesquisa e o ensino/divulgação; enfim, entre o saber e o fazer. (NEVES, 1997, p. 26)

Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, é contundente ao afirmar a necessidade de educadores humildes, que não se isolem numa redoma de tutor, encastelado no patamar superior da hierarquia professoral de transferidor de conhecimento.

A presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível e pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (Freire, 1996, p. 14).

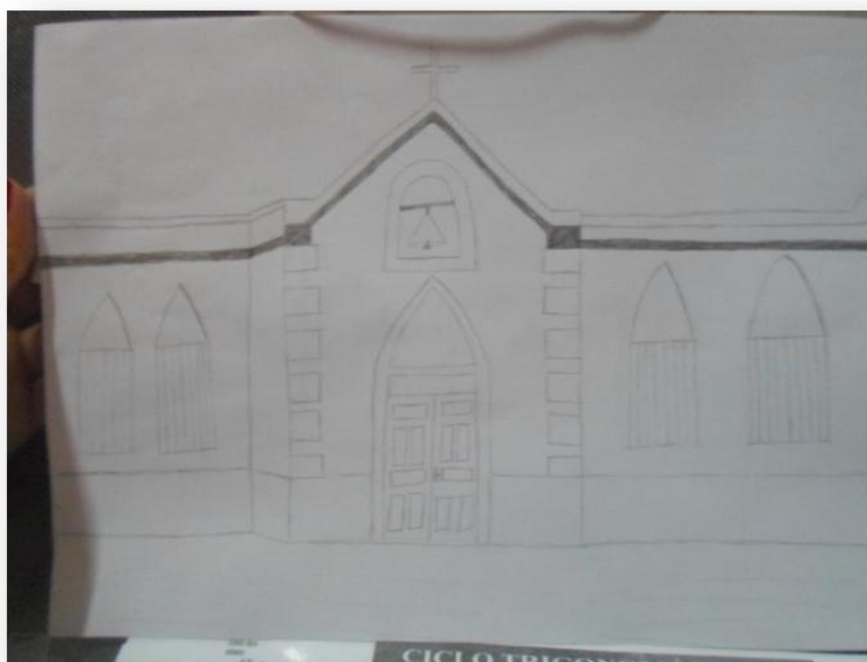


Figura 1 – “Igrejinha”  
Fonte: Acervo pessoal

Este desenho, por exemplo, é produção da aluna Nelyana Silva, na época estudante do 1º ano, e traz sua percepção da Igrejinha de Cariré, e a partir dela podemos

ter uma boa ideia acerca do poder da memória na constituição de imagens prediais no imaginário das pessoas. Esta Igreja, centenária, por quase toda sua existência teve uma forma diferente, sem essas muretas que a circundam, que foram erguidas pelo pároco atual com a justificativa de preservar o patrimônio paroquial, alvo de vandalismo frequente. Para os carireenses mais velhos, a reforma foi recebida de diversas formas, alguns gostaram, acharam mais bonito, outros chamaram atenção para uma descaracterização do bem, e a memória de muitos foi alterada por um misto de lembranças de várias décadas, entre a antiga estrutura, e a nova, reformada. Contudo, para jovens como a aluna Nelyana Silva, essa alteração teve pouco efeito, afinal de contas ainda não havia um sentimento de pertencimento patrimonial solidificado em seu imaginário que fizesse menção imagética a Igrejinha como fora antigamente.

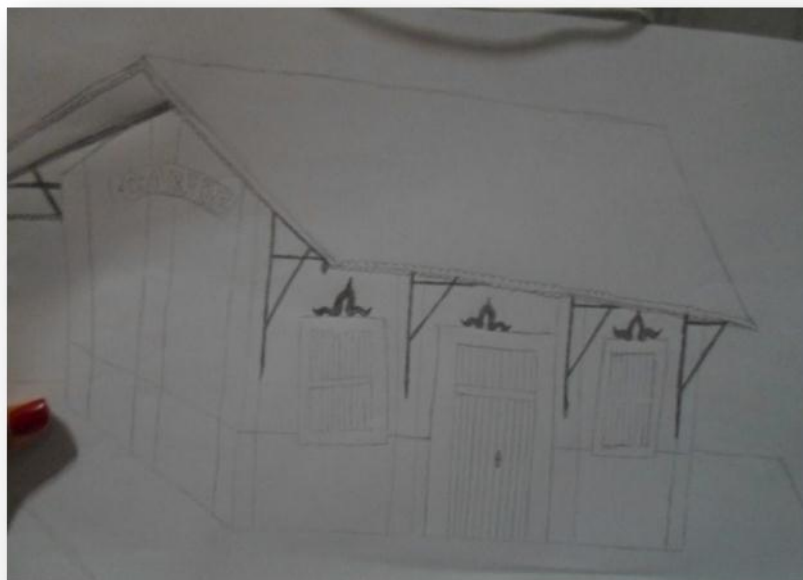


Figura 2- Estação

Fonte: Acervo pessoal

Nesta outra fotografia, podemos ver o desenho da Estação Ferroviária de Cariré, monumento também visitado quando tivemos a aula de campo, e desenhado pela mesma aluna do desenho anterior. Curiosamente, fizemos a aula de campo a Estação ainda estava em processo de restauração em andamento, uma iniciativa do poder público municipal apenas com recursos municipais, entretanto, o desenho feito pela aluna remonta a estação em sua forma original quando ainda estava em pleno funcionamento,



e como viria a ficar meses depois após a restauração. A memória da estação bela, não em pedaços como permaneceu por muito tempo, telhada e com paredes sólidas, não em ruínas como passou vários e vários anos, pode significar uma valorização patrimonial, um apreço pelo monumento por parte da aluna. Contudo, observemos que a representação não passou de ser “predial”, “pedra e cal”, sem o vislumbre do movimento intenso de carga e descarga de algodão, óleo de mamona, carnaúba, farinha; embarque e desembarque de passageiros idos e vindouros, apressados, saudosos, felizes pela chegada, tristes pela partida. Por quê? Não houve em curto tempo passado qualquer política de revitalização do local que não passasse da restauração física, não há vida, lazer, ocupação do bem público, utilidade prática nenhuma.



Figura 3 – Aula de campo  
Fonte: Acervo pessoal

A fotografia também foi uma das linguagens permitidas para a produção dos alunos, uma maneira de integrar as novas tecnologias às atividades escolares, uma vez que ferramentas como smartphones, tablets e etc, são apetrechos que fazem parte do cotidiano dos alunos, no dia a dia, é prudente por parte dos professores pensarem estratégias que integrem tais objetivos a atividades pedagógicas. Os resultados podem surpreender positivamente, de verdade, como nessa fotografia de autoria da aluna Cleane Medeiros, em que notamos a percepção da aula pela ótica da jovem, integrando os alunos, o professor, e o bem patrimonial: a Casa Grande, do fundador da cidade, Elisio Aguiar, onde entramos e podemos conhecer até o quintal.



Figura 4 – Exposição fotográfica  
Fonte: Acervo pessoal

Nesta outra foto, observamos os alunos ao fim da aula de campo, observando fotografias antigas de Cariré, coletadas em acervos pessoais e na internet. É emblemático o que podemos observar um aluno fotografando com seu celular, as fotografias da exposição. Tais tecnologias que de “novas” já não tem tanta coisa para os jovens, precisam ser incorporadas ao fazer docente.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio da contemporaneidade na crise das instituições se impõe diretamente à escola. Não é possível permanecermos com as mesmas práticas de uma escola do século XX, em meio a tempos de avançada revolução tecnocientífica, obsolescência

programada, enxurrada de informações, enfim, a multiplicidade de espaços de aprendizagem.

Currículos engessados, autoritarismo, hierarquia, conteúdos alheios alijados da realidade cotidiana dos estudantes, tudo isso limita profundamente a aprendizagem e a identificação dos jovens com o currículo. O ensino de História Local, aliado a práticas educativas patrimoniais possibilitam a expansão de consciência histórica, o entendimento dos processos históricos, a autorreflexão como sujeitos históricos atuantes na sociedade.

Transformar as práticas educativas, é transformar a formação de cidadãos. A consciência patrimonial, o reconhecimento da pluralidade de memórias, a ressignificação de monumentos, o agir ativo no processo ensino-aprendizagem, todos esses elementos são radicalmente transformadores de visões de mundo. Compreender o engendramento de fatos históricos locais, articulando essa historicidade com processos históricos de esferas mais amplas: regionais, nacionais, globais; alentam uma visão crítica da própria realidade e do cotidiano.

A experiência relatada neste projeto poderia convenientemente ser reproduzida por outros professores. Poderão enfrentar barreiras: dificuldades logísticas, diretores autoritários, pragmatismo educacional com foco em avaliações externas. Contudo, o papel do professor, especialmente de História, é de combater a hegemonia, nadar contra a corrente, ser o ponto de divergência no consenso alienador.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. **Revista de História UEG**. Porangatu, v. 2, n. 1, p. 301 – 321, jan./jul. 2013. Disponível em <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1451> Acesso em 11 de Setembro de 2015
- BARROS, José D'Assunção. **O Lugar da História Local**. São Paulo: Intervezes, 2013
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos - História, p. 29.

BRASIL. **Lei nº 9.394/ 69**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Ministério da Educação, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em 1 de Setembro de 2015

BRASIL. MÉDIO. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino, Câmara de Educação Básica. Resolução n. 3, de 26 de junho de 1998: Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em 30 de Agosto de 2015

ELÍSIO, Filinto. **A História de Cariré**. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. São Paulo: Papyrus, 1993

\_\_\_\_\_. (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009. (Repensando o Ensino).

ORIÁ, Ricardo. **Educação patrimonial**: conhecer para preservar. Disponível em <http://www.educacional.com.br/articulas/articula0003.asp> Acesso em 15 de Setembro de 2015.

NEVES, Joana. “História local e construção da identidade social”. In: **Saeculum** - Revista de História, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11226> Acesso em 5 de Setembro de 2015

PINSKY, Jaime. **O ensino de história e a criação do fato** . 14.ed. São Paulo: Contexto, 2011,.

VARINES, Hughes de. **“As raízes do futuro: O Patrimônio a serviço do desenvolvimento local”** 1 Ed. São Paulo 2012.